

# Casa do Padre, lar de memórias e histórias

**Ao lado da antiga Igreja Matriz de Ribeira de Fráguas, as paredes da Casa do Padre contam parte da vida da freguesia. Uma ameaça de bomba, um empresário local generoso, um grande incêndio, um ilustre pároco, uma casa que também foi escola e o frango na púcara após compasso pascal compõe alguns desses capítulos. Abílio Araújo, atual padre da Ribeira, vê na reabilitação do edifício “o recuperar da nossa memória histórica”.**

“Do Passado nasce o Futuro”, lê-se na banda colocada ao longo da fachada amarela de um edifício abandonado, com um portão verde, três janelas em linha e outra na parte superior. A Casa do Padre, mesmo ao lado do cemitério e antiga Igreja Matriz de Ribeira de Fráguas, está sem atividade desde os anos 80, após a morte do seu último residente, o padre Raul Cruz, falecido em 1986. Passadas quase quatro décadas de inatividade, chegou a aguardada reabilitação.

“É o devolver do edifício à própria comunidade e uma homenagem à memória do padre Raul. Ali já se fez catequese e telescola. É o recuperar da nossa memória histórica”, partilhava o padre Abílio Araújo, pároco das freguesias da Branca e Ribeira de Fráguas, em outubro deste ano, na ocasião de um almoço de angariação de fundos para os trabalhos.

O padre Raul Cruz nasceu no Sobreiro (Albergaria-a-Velha) a 21 de janeiro de 1909, a mesma localidade onde faleceu. Foi pároco em Ribeira de Fráguas de 1933 a 1983 e tem hoje um busto erguido em frente à antiga habitação, uma homenagem do povo da freguesia pelo dinamismo que deu à Casa e à Ribeira.

“Ele era tudo, era o eixo de desenvolvimento da Paróquia. Ele próprio dava aulas de música, moral, teatro e canto coral [na Casa do Padre]. Aos sábados e domingos, a pequenada ia para lá jogar damas, xadrez e jogos tradicionais”, recorda o professor Manuel Martins da Silva, braço direito do padre Raul durante os anos em que se cruzaram.

O professor, que lecionou na freguesia de 1965 a 1989, destaca o sucesso das aulas de canto e música que se misturavam com o Grupo Coral da Ribeira de

Fráguas, dinamizado pelo padre Raul, que corria romarias dentro e fora do concelho, com alguns membros a seguir para bandas filarmónicas como a AR-MAB - Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca e a Banda Recreativa União Pinharensense. “Ele era o motor da cultura na Ribeira”, elogia.

Manuel Carlos, hoje sacristão da freguesia e na Primária aluno de Manuel da Silva, lembra-se do padre Raul como um apreciador de caça e pesca, professor de muitos engenhos. “Era o desporto dele. Ele ensinou-me a endireitar as canas à antiga portuguesa: em cima do braseiro, com óleo ou azeite espalhado com um paninho para tirar aquelas curvas das canas da índia. Nunca fomos juntos à pesca, mas o meu sogro e outro colega deles iam sempre os três. Eu era pequenito”, conta.

Para além das ajudas que dava na vindima e outros trabalhos na casa do padre Raul no Sobreiro, Manuel Carlos guarda memórias que se degustam. “Na segunda-feira da Páscoa, ele dava sempre jantar ao pessoal que andava na volta - frango da púcara era a praxe: uma púcara de barro que tinha o frango com cebolas inteiras pequeninas que até pensávamos que eram batatas”, lembra, entre risos.

## Escola improvisada

Quando a Escola Básica de Ribeira de Fráguas, no Campo, onde ainda funciona, esteve em obras, as aulas de primária e telescola encontraram refúgio na Casa do Padre. O professor Manuel foi um dos que lá ensinou, do 1º ao 4º ano. Já o programa de ensino pela televisão, com emissões regulares de 1965-1987 na RTP,

permitiu que milhares de alunos por todo o país completassem o quinto e sexto anos. A falta de recursos e a fraca rede nacional de transportes fizeram com que esta solução impedisse o abandono escolar após o ensino primário.

“As minhas memórias da Casa do Padre vêm precisamente da telescola. Eu devo ter entrado em 1984, com nove anos, quando requalificaram as escolas da Ribeira e levaram as televisões e as carteiras para lá. A primária tinha aulas de manhã e a telescola à tarde. A Igreja, mesmo ao lado, ainda estava devoluta por causa do incêndio. Tinha uma figueira enorme no altar, onde íamos aos figos”, recorda Carla Castro, residente na freguesia e presidente d’Avilar - Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Aldeia de Vilarinho de São Roque.

Desta escola provisória também guarda memórias sombrias. “Antigamente, os enterros eram feitos nas Igrejas e redondezas. Na altura, estavam a fazer obras de ampliação do cemitério e descobriram ossadas. Nós brincávamos quase no meio dos ossos e isso marcou-me muito. Lembro-me de estar a comer o meu lanchito e ver os ossos na terra. São memórias que ficam. O meu sentido crítico, agora como adulta, fez-me sentir que as terras foram remexidas sem consideração pelos restos humanos que lá estavam”, lamenta.

O pai de Carla, João Caetano Castro, passou-lhe vivências mais alegres, nas quais o padre Raul aparece como alguém que “acabava por ajudar toda a gente como conseguia”, consoante a ocasião



Casa do Padre no seu esplendor. Padre Raul aparece em baixo. Estima-se que a fotografia tenha sido tirada nos anos 50

“era padre, médico, conselheiro matrimonial...”. E até professor. “Houve uma altura em que a turma do meu pai, nascido em ‘22, ficou sem professora porque a senhora adoeceu. E quem assumiu a parte escolar dos meninos da freguesia foi o padre Raul. Ele não deixou que ficassem sem escola”, conta. Um dia, o padre Raul levou-os – rapazes e raparigas – ao Parque da Cidade de Aveiro, onde foi tirada uma fotografia no coreto do jardim, bem guardada e preservada pela família.

Carla Castro recorda-se ainda de, quando era criança, ver o padre chegar a Vilarinho “no seu Citroën Dyane azul-escuro, a cair de velho, quando aqui vinha rezar a missa”. Um imagem de marca igualmente referida por Nuno Jesus, historiador dedicado à freguesia, natural de Oeiras, que pouco conviveu com o padre. “Lembro-me dele já com idade avançada, corcunda, no seu Citroën Dyane”, sorri, afirmando que o pároco é “um caso de estudo” por tudo o que fez e pela marca que deixou. “Não se pode dissociar aquela Casa do padre Raul”, frisa Carla Castro.

## Renascer das cinzas

“Ardeu na noite de 3 para 4 de maio de 1953. Restam as paredes”, escrevia o historiador António Nogueira Gonçalves, em referência ao incêndio que destruiu a Igreja Matriz – “o infortúnio dum padre

Pub.

# AGUIMÓVEIS

agucasa  
aguexpo

☎ 234 644 848

✉ geral@aguimoveis.com

🌐 www.aguimoveis.com





que dum momento para o outro vê a sua igreja reduzida a um montão de brasas e de cinzas”, como descrevia o padre Raul Cruz na carta que prontamente enviou aos colegas das redondezas, a apelar “para a compreensão e generosidade” de quem conseguisse ajudar.

“Foi um situação completamente dramática. Não havia telemóveis como há hoje. O padre Raul foi de bicicleta até Albergaria para chamar ajuda. O povo conseguiu salvar duas grandes cómodas e alguns paramentos – que estão hoje na Ribeira. O resto foi tudo. A residência paroquial não foi afetada também por ajuda do povo”, relata Nuno Jesus.

Em *Ribeira de Fráguas - a sua História*, livro de Nuno Jesus e Nélia Oliveira, os autores destacam “o empenho e dedicação exemplar do padre Raul, que desde muito cedo movimentou *céu e terra* no sentido de construir a nova casa para os actos litúrgicos”. O povo aderiu à causa e organizou inúmeros cortejos e certames para angariação de fundos, com destaque para o Cortejo da Telha – “que mais não foi do que a oferta por parte de cada indivíduo da freguesia, de uma ou mais telhas para a igreja nova”, escrevem. As obras duraram 12 anos e resultaram na nova Igreja Matriz, em frente à atual Junta de Freguesia.

Quando chegou a altura da reforma, segundo nos conta o professor Manuel, houve um grande convívio de despedida para o padre Raul. “Foi uma festa muito bonita, na Igreja Nova, que envolveu todo o concelho. Os colegas dele estiveram presentes e foi um dia de animação muito grande. Foi até notícia num jornal local da Branca”, relata.

Raul Domingues da Cruz foi igualmente vereador da Câmara Municipal de Albergaria (1946-1950) e escrivão da Junta de Freguesia (1942-1956). Foi um dos primeiros homens na Ribeira a ter máquina fotográfica, o que contribuiu para que existam registos dos danos provocados pelo incêndio de 1953.

A posse pioneira desta tecnologia é uma característica partilhada com João Caetano Castro que registou momentos raros de trabalho e lazer, hoje guardados com cuidado e carinho pela filha, um ar-

quivo de família que é também parte da história local. “Na freguesia não há, que eu saiba, fotos de lides agrícolas a não ser estas. Na altura as fotografias tiravam-se no retratista, com a roupa de domingo”, conta Carla Castro.

### “Inusitado imbróglgio”

A Casa do Padre, como se conhece hoje, foi construída por risco de a antecessora ruir. O “modesto prédio” remontava a meados do século XVII, como se entende por uma escritura de 1650. O alerta para o avançado estado de degradação foi dado em 1875 pelo padre António Domingues, em reunião de Junta de Paróquia.

É só em 1882 que a Junta em funções decide erguer uma nova residência paroquial. Foram expropriados os terrenos adjacentes e o novo espaço passou a acolher uma zona para reuniões e arquivo da Junta.

A Lei da Separação do Estado das Igrejas (1911) fez com que o edifício e terreno anexo fossem arrolados a favor do Estado – o início de “um inusitado imbróglgio”, como escreve Nuno Jesus. Em 1915, o edifício é transferido para o Ministério das Finanças e, no ano seguinte, o presidente da Junta de Freguesia convoca uma sessão extraordinária para comunicar a venda do imóvel em hasta pública. A Junta, que se desconhece se foi apanhada de surpresa, envia às “autoridades e instâncias competentes” um apelo para que a casa não seja colocada à venda, invocando o esforço nela empregue pelo padre António Domingues Christino, os locais e a própria Junta.

Na sessão de 1 de outubro, o presidente da Junta comunica que a documentação enviada havia sido devolvida “por não ter chegado a tempo” e indica

ao Governador Civil – representante do Estado no distrito, um cargo extinto em 2011 – que caso a venda da casa não fosse suspensa, a Junta deveria avançar com a demissão coletiva. Apesar dos esforços, o edifício foi vendido a Carlos Píneiro Mourisca, notário em Albergaria, em 1916. A Junta nunca chegou a demitir-se.

Esta aquisição desagradou a população local, ao ponto de o edifício ter sido alvo de um atentado bombista, a 13 de maio de 1917 “devido, como é do conhecimento da Junta, à explosão d’uns tiros que clandestinamente foram deitados n’uma casa próxima, por mão criminosa”. O incidente terá motivado o proprietário a vender o imóvel.

A Junta não tinha dinheiro para comprar o edifício e António Domingues Pinto, capitalista de Telhadela, residente em Santos, no Brasil, adquiriu-o. O empresário, que fez fortuna no Brasil com início na construção civil e vida política ativa em Albergaria – ver “*António Domingues Pinto*” por Nuno Jesus e Arthur Domingues Pinto (neto do homem de negócios), na *Albergue 4* (2017) – entrega o edifício à Paróquia com o compromisso de que, mais tarde, esta o comprasse de volta. Em 1937, a Comissão Encarregada do Culto Católico, presidida pelo padre Raul, assim o faz, por 2160 escudos. A Casa é, por fim, registada a favor da Paróquia, no dia 21 de agosto de 1940.

A história do edifício foi compilada por Nuno Jesus na ocasião de apresentar a candidatura ao financiamento comunitário para reabilitação da Casa e encontra-se igualmente descrita em algumas entradas da obra que escreveu com Nélia Oliveira, já aqui citada e disponível no

Fundo Local da Biblioteca Municipal de Albergaria.

### Construir o Futuro

No verão de 2018, Hugo Cálão, historiador e responsável pelo levantamento do património das Paróquias da Diocese de Aveiro, fez, acompanhado por uma equipa de voluntários, uma visita à Casa do Padre, onde, ao longo dos anos, se foi guardando material da Igreja Matriz.

“Estava uma peça no chão e o Hugo tirou uma fotografia, antes de mexer. Era, e é, uma cruz de prata, enorme, século XVI, a peça mais valiosa da Igreja Matriz, a seguir ao São Tiago em calcário, também aí encontrado. Esta cruz esteve no chão durante 30-40 anos e ninguém ligou – compreende-se que passasse despercebida, estava completamente oxidada quando a encontramos, foi pura sorte. Fez-se ali um grande levantamento de património”, recorda Nuno Jesus, uma lista detalhada no artigo de Hugo Cálão “*Património Religioso: Tombo e Inventário da Igreja de São Tiago de Ribeira de Fráguas*”, publicado na *Albergue 6* (2019).

O projeto de reabilitação para a Casa do Padre, apresentado pela Comissão Fabriqueira da Igreja de Ribeira de Fráguas, implica um investimento de 296€ mil (mais IVA), com um apoio de 176€ mil da UE – 80% dos 220€ mil inicialmente apresentados como orçamento total. O restante valor terá de ser angariado pela Paróquia, com a ajuda da comunidade e acrescido desafio do aumento dos materiais de construção e inflação geral.

Henrique Caetano, presidente da Junta de Freguesia de Ribeira de Fráguas, detalha que a Casa do Padre servirá de “espaço comunitário, de partilha, onde será possível desenvolver as mais diversas atividades”, como concertos, conversas e espetáculos variados. “A freguesia tem essa carência”, diz.

“Como historiador, acho fantástico. É um desgosto enorme ver a Casa do Padre completamente ao abandono, entre dois edifícios recuperados – o do Rancho e a Igreja. É muito bom que nasça ali um local que honre a cultura”, louva Nuno Jesus.

*Texto: Beatriz Ribeiro*



Residência Paroquial nos dias de hoje, a aguardar restauro



**Na compra de uma viatura selecionada sujeita a crédito tem:**

**36**  
MESES DE GARANTIA

**DEPÓSITO CHEIO**

**CARTÃO DA 200€**

**Por cada viatura vendida são doados 250€ aos Bombeiros Novos de Aveiro**



Avenida Europa, 306 - CACIA • 929 382 049